



Gustavo Henrique Cepolini Ferreira
(Organizador)

Geografia, Políticas e Democracia 3

Atena
Editora

Ano 2019



Gustavo Henrique Cepolini Ferreira
(Organizador)

Geografia, Políticas e Democracia 3

Atena
Editora

Ano 2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

| Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG) | |
|---|--|
| G345 | Geografia, políticas e democracia 3 [recurso eletrônico] / Organizador Gustavo Henrique Cepolini Ferreira. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Geografia, Políticas e Democracia; v. 3) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-720-8 DOI 10.22533/at.ed.208191710 1. Geografia física. 2. Geografia – Estudo e ensino. I. Ferreira, Gustavo Henrique Cepolini. II. Série. CDD 910.02 |
| Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422 | |

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2019

APRESENTAÇÃO

É com imensa satisfação que apresento a Coletânea intitulada – “Geografia: Políticas e Democracia – volume 3”, cujo título apresenta inúmeras possibilidades, e, sobretudo, provocações ao construirmos e desconstruirmos uma Geografia para o século XXI. Trata-se de uma leitura teórica e empírica oriunda de diferentes pesquisadores que dialogam com análises provenientes das diferentes subáreas da ciência geográfica e áreas afins.

Nesse sentido, ressalta-se a importância da pesquisa científica e os desafios hodiernos para o fomento na área de Geografia em consonância com a formação inicial e continuada de professores da Educação Básica.

A Coletânea está organizada a partir de diferentes enfoques temáticos, ou seja, reconhecendo as diferentes subáreas da Geografia, a saber: Ensino da Geografia, Geografia Urbana, História do Pensamento Geográfico e sua interface Econômica e Política, Geografia Econômica, Geografia Agrária e Regional conforme expresso nos nove capítulos que compõem a referida Coletânea.

Esperamos que as análises publicadas nessa Coletânea da Atena Editora propiciem uma leitura crítica e prazerosa, assim como despertem novos e frutíferos debates geográficos para desvendar os caminhos e descaminhos da realidade brasileira, latino-americano e mundial na emergência de práticas democráticas.

Gustavo Henrique Cepolini Ferreira

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| CAPÍTULO 1 | 1 |
| O CURRÍCULO E A PRÁTICA PEDAGÓGICA NAS ESCOLAS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO | |
| Ana Carolina de Figueiredo Azevedo Ana Claudia Ramos Sacramento | |
| DOI 10.22533/at.ed.2081917101 | |
| CAPÍTULO 2 | 13 |
| MINHA CASA... E A VIDA? OS SERVIÇOS E EQUIPAMENTOS PÚBLICOS NOS CONJUNTOS HABITACIONAIS DO PROGRAMA MINHA CASA MINHA VIDA NA CIDADE DE JOÃO PESSOA-PB | |
| Rayssa Bernardino de Lacerda Maria de Lourdes Soares | |
| DOI 10.22533/at.ed.2081917102 | |
| CAPÍTULO 3 | 25 |
| INADAPTAÇÕES NA FRONTEIRA DA INFORMALIDADE: FAVELAS E CONJUNTOS | |
| Tales Lobosco | |
| DOI 10.22533/at.ed.2081917103 | |
| CAPÍTULO 4 | 38 |
| MICROALGAS: UMA OPORTUNIDADE PARA MELHORAR OS INDICADORES DE SANEAMENTO NO BRASIL | |
| Renan Barroso Soares Rodrigo Nunes Oss Márcio Ferreira Martins Ricardo Franci Gonçalves | |
| DOI 10.22533/at.ed.2081917104 | |
| CAPÍTULO 5 | 49 |
| A GEOGRAFIA REGIONAL EM RICHARD HARTSHORNE | |
| Wesley de Souza Arcassa | |
| DOI 10.22533/at.ed.2081917105 | |
| CAPÍTULO 6 | 60 |
| ADVENTURE-TIME: O CRONOTOPO NO ESPÍRITO DO NEOLIBERALISMO DE HAYEK, KEYNES E MISES | |
| Marcus Antonio de Lyra Alves | |
| DOI 10.22533/at.ed.2081917106 | |
| CAPÍTULO 7 | 77 |
| A TERRITORIALIZAÇÃO DOS BANCOS EM PORTUGAL: UMA ANÁLISE PRELIMINAR | |
| Diego Paschoal de Senna Sandra Lúcia Videira | |
| DOI 10.22533/at.ed.2081917107 | |

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 8 | 88 |
| A FEIRA DE NOVA CRUZ/RN: UMA TRADIÇÃO COMERCIAL DE EXPRESSÃO REGIONAL | |
| Severino Alves Coutinho | |
| DOI 10.22533/at.ed.2081917108 | |
| CAPÍTULO 9 | 99 |
| A PRODUÇÃO ARTESANAL DA RAPADURA: UMA ANÁLISE GEOGRÁFICA BASEADA NA COMUNIDADE RURAL JOÃO MOREIRA, SÃO JOÃO DA PONTE - MG | |
| Gustavo Henrique Cepolini Ferreira | |
| Tayne Pereira da Cruz | |
| DOI 10.22533/at.ed.2081917109 | |
| SOBRE O ORGANIZADOR | 113 |
| ÍNDICE REMISSIVO | 114 |

ADVENTURE-TIME: O CRONOTOPO NO ESPÍRITO DO NEOLIBERALISMO DE HAYEK, KEYNES E MISES

Marcus Antonio de Lyra Alves

Mestre em Semiótica da Cultura pela University of Tartu, Tartu, Estonia (2015). Mestre em Meios e Processos Audiovisuais, ECA-USP (2019). Pós graduado em Comunicação e semiótica pela Anhembimorumbi. Especialização em História da Arte: a Arte como Expressão Social pela PUC-SP. Email: marcus.lyra@gmail.com

RESUMO: Cronotopos - formulações culturais de espaço-tempo que elucidam o conceito de temporalidade e o ritmo da processualidade material significativa - são aqui tomados pelas relações semióticas espaço-temporais que organizam ações políticas. Empreitamos no presente trabalho, a investigação do texto cultural do neoliberalismo de Friedrich Hayek, John Maynard Keynes e Ludwig von Mises, através da observação de seu cronotopo, isto é, concepção temporal que leva à ação, e a forma como este cronotopo se relaciona com as premissas desta posição política. Pudemos, através da leitura covalente entre as esferas da ação e do discurso, identificar traços do cronotopo de tipo *Adventure-time* na perspectiva dos pensadores supracitados, sobretudo no estabelecimento de estados de realidade e a subsequente manufatura de rituais de mudança galgados na suposta autossuficiência racional. Por fim, advogamos pela relevância

do cronotopo como elemento de análise de processos que relacionem discurso e ação para as ciências sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Cronotopo; Discurso, Neoliberalismo; Ideologia; Política

ADVENTURE-TIME: THE CHRONOTOPE ON THE SPIRIT OF THE NEOLIBERALISM OF HAYEK, KEYNES AND MISES

ABSTRACT: Chronotopes - cultural formulations that enlighten the concept of temporality and the rhythm of the meaningful objective processuality - are hereby taken by the space-temporal semiotic relations that organize political actions. We aim on the present work towards the investigation of the cultural text within the neoliberalist propositions of Friedrich Hayek, John Maynard Keynes and Ludwig von Mises, through the observation of their chronotope, that is, temporal conception that leads to action, and the the reasons way this chronotope relates to the very premises of this political positioning. We could, through the reading of the conjoined layers of action and discourse, identify signs of the *Adventure-time* type chronotope on the perspective of the above-mentioned authors, mainly on the establishment of the discursive states of reality and the subsequent mastering of the rituals of change tied to the supposed rational self sufficiency. In the end, we advocate

for the relevance of this chronotope as a practical element on the analysis of processes that relate discourse and action within social sciences.

KEYWORDS: Chronotope; Discourse; Neoliberalism; Ideology; Politics

Introdução

O ato deve ser compreendido como linguagem a partir de sua estruturação racional, de forma a desvelar seu composto comunicacional significativo inscrito no tempo. Boris Uspensky comprime o conceito em uma passagem:

(...) não é, entretanto, o significado objetivo dos eventos (se podemos presumir que algo deste tipo exista) que importa, mas a forma que eles são percebidos, a forma como são lidos. (USPENSKY in: TAMM, 2017, p.2019)¹

O conceito de tempo leva a um conceito de ação. Por charme do destino, o primeiro trabalho da autoria de Bakhtin (BAKHTIN, 1993, p.VIII), datado de 1919-1921, foi justamente seu estudo sobre a filosofia da ação, tendo sido descoberto apenas muito mais tarde em 1986, traduzido em inglês e inserido nos círculos intelectuais ocidentais apenas em 1990. Entre a escola do eixo Tartu-Moscú e Bakhtin, o presente trabalho traz o esforço de realizar uma análise da dimensão do discurso através da ação com duas considerações centrais acerca do “discurso” e da “ação”: O discurso incutido na ação é um discurso social, histórico e necessariamente político, e a ação por sua vez é adequadamente analisável apenas quando observada pela dimensão temporal como processo; assim temos um Cronotopo, ou seja, um conceito significativo espaço-temporal.

Delimitando nosso objeto, o enfoque deste trabalho considera - e se limita - aos discursos de três proponentes centrais ao neoliberalismo, Hayek, Keynes e Mises, extraíndo destes as nuances de suas considerações da utilização significativa do tempo através de um discurso almejando a alteração do estado de mundo. Ainda, interpreta-se como fundamentais à análise o estudo crítico da obra dos três pensadores citados, considerando como centrais os valores positivistas imbuídos na calculabilidade da produção técnica (ANGELI, 2017, p.582) assim como no estabelecimento de um mercado de respaldo lúdico especulativo e de crédito.

Mas afinal, como podemos observar o discurso da temporalidade? O trabalho de Bakhtin elucida que a análise de fatos históricos não possa decorrer apenas de seu discurso formalizado, ressaltando que quaisquer expressões literárias, mesmo populares, sejam consideradas como reflexos e também criadoras de movimentação intelectual política. Ao analisar o texto, consideramos que a constituição narrativa de uma realidade literária não difira da construção discursiva de uma realidade social pragmática política, conquanto que a história e a literatura se tecem pelas mesmas linguagens, textos e semântica. Ambas são signos, e por estas vias consideramos

¹ “From this point of view, it is thus not the objective meaning of events (if anything of the kind be presumed to exist) that matters, but the way they are perceived, the way they are read.”

fundamental que atos sociais sejam analisados como narrativas já que o engendramento de suas mais íntimas condições emana dessa mesma complexidade.

1 | A QUESTÃO DA VALIDADE DO TEXTO CULTURAL COMO FONTE DA ANÁLISE DA TEMPORALIDADE POLÍTICA

O material da ‘análise da ação’ deve ser o tempo; ou melhor, a convenção cultural da temporalidade, ou o Tempo Social. Bakhtin nos indica que a temporalidade do texto literário e sua estilística estão intimamente relacionados de modo que as manobras e distensões temporais podem, elas próprias, servir como fator significativo para que se estabeleça um gênero literário de uma obra em questão (BALLENGEE, 2005, p.132). Entre estas variantes, a modalidade estilística que parece se sobressair nas análises dos textos literários modernos e contemporâneos, é a modalidade que Bakhtin denomina de “tempo de aventura” na versão brasileira, ou *Adventure-time* na edição inglesa - que utilizamos por haver extensos registros de pesquisas sob esta alcunha.

O modelo *adventure-time*, segundo Bakhtin, se caracteriza por alguns aspectos fundamentais entre os quais a suspensão temporal desajustada ao ritmo narrativo que envolve o texto, deformando um período específico onde decorra uma ação determinante para o enredo (BALLENGEE, 2005, p.133). Um segundo ponto - de extrema importância para esta análise - é a necessidade de uma determinação discursiva de dois pontos entre os quais a ação deste tempo em suspensão opere como um salto, uma conexão, um *jumper*. *Adventure-time* é, desta forma, o recurso técnico em literatura - mas não limitado à literatura como defendemos - que salienta a distensão temporal inerente ao tensionamento de um lance de sorte, um ato heróico. É o lançar dos dados que definirá o jogo, que decorre em uma cena extremamente alongada, de dimensões amplificadas como em um microscópio até que a face final do dado seja revelada.²

É fundamental considerarmos que os textos culturais e a história não sejam distantes em seus exercícios e tecedura como se espera que positivamente fossem. Desde Don Quixote (HAUSER, 1972, p.539-554) fechando o ciclo metalinguístico “simultaneamente representado e representante” (BAKHTIN, 1981, p.45) ou um Henry Fielding (1707-1754), por exemplo, autor de *The History of Tom Jones, a Foundling* (1749) vemos que obras de ficção são formas de história (BEMONG Et Al., 2010, p.72). Poderíamos claramente considerar que os primeiros contos do início das civilizações não fossem menos que manifestações de uma história apócrifa (Bemong et al., 2010, p.72). Ao atentar-se aos problemas da análise histórica no fim do século XX após reformas funcionalistas das ciências, Yuri Lotman ressaltava

2 Estas perspectivas são introduzidas na sua obra intitulada na edição inglesa *Forms of Time and of the Chronotope in the Novel*, aqui apresentada na edição *The Dialogic Imagination - Four Essays*, University of Texas Press, 1981

com veemência que o historiador está preso em um processo interpretativo que por nenhum meio se difere das formas de construção e análise de textos literários (TAMM, 2017, p.216). Isso porque, os códigos que dão aderência e constituem o tecido de uma língua são eles mesmos históricos, a “decodificação é sempre uma reconstrução”, diz Lotman (1990, p.218). Por estas vias, sustenta-se a premissa de que a locução do texto político também não escape aos enlaces técnicos de uma estilística histórica predominante como qualquer peça de literatura, tampouco não possa ser observado cronotopicamente, como argamassa de sua temporalidade. Nas palavras de Bakhtin, esta conexão cronotópica entre literatura e o “espírito” político fica explícita na seguinte passagem, por exemplo:

No século XVII, os destinos das nações, reinos e culturas estavam também sujeitos a esta sorte da *adventure-time*, deus e vilões, um tempo com sua própria lógica. Isso ocorre nas primeiras novelas históricas européias, por exemplo, em *Artamène* de Scudéry, ou *Grand Cyrus* em *Arminius e Tusnelda* de Lohenstein e as novelas históricas de *La Calprenède* (BAKHTIN, 1981, p.96)³

Irene Machado, ao observar a relação entre o cronotopo e a história também nota que “para Bakhtin, a história literária da narrativa constitui uma enciclopédia de visões de mundo concretamente organizadas.”(MACHADO, 1998, p.37), considerando que muitas das inferências na cultura derivam ou confluem com as artes, e “Nesse sentido, o desenvolvimento das ideias não passa pelo crivo apenas dos filósofos, mas também e sobretudo pelas criações literárias”. Os elementos componentes da semântica de um texto cultural, como seu conceito temporal no exemplo presente (cronotopo), transpiram em todos os textos constituintes desta mesma configuração cultural.

De volta ao recorte estritamente político, às obras do contexto histórico de construção das bases dos Estados-nação europeus por exemplo, notamos que no interior destes romances

está uma curiosa “filosofia da história” que cede a constituição de destinos históricos a um hiato extratemporal que existe entre dois momentos da sequência real de tempo (BAKHTIN, 1981, p.96).⁴

Aqui, Bakhtin ilumina o critério-base da análise do tempo político, ou seja, o ritual que lança o mundo a outro estado significativo. Em sua análise, são momentos discursivos díspares que se constituem no tempo cultural-histórico sendo conectados através de uma processualidade simbólica composta por um conjunto de atitudes rituais, cujo código (ou decoro) é adequadamente orquestrado para que se alcance

3 In the seventeenth century, the fates of nations, kingdoms and cultures were also drawn into this adventure-time of chance, gods and villains, a time with its own specific logic. This occurs in the earliest European historical novels, for example in de Scudery's *Aitamene*, or the *Grand Cyrus*, in Lohenstein's *Arminius and Tusneldah* and in the historical novels of *La Calprenède*

4 *Pervading these novels is a curious "philosophy of history" that hands over the settling of historical destinies to an extratemporal hiatus that exists between two moments of a real time sequence.*

o próximo estágio ou estado de mundo idealizado.⁵ Logo após, Bakhtin lista a autobiografia e a biografia retóricas, sendo que nestas encontramos como base o “*enkomion*, o discurso civil, fúnebre e laudatório, que substituiu o antigo “lamento” (*trenos*).” (BAKHTIN, 1993, p.50), onde Bakhtin notavelmente declara:

essas formas clássicas de autobiografias e biografias *não eram obras de caráter livresco, desligadas do acontecimento político social e concreto*, e da sua publicidade retumbante. Ao contrário, elas eram *inteiramente definidas por esse acontecimento, eram atos verbais cívico-políticos*, de glorificação ou de autojustificação públicas (BAKHTIN, 1993, p.50).

Se toda ação social contempla uma noção temporal, a perspectiva política deve conter em seu DNA a revelação de um cronotopo, assim chegamos ao *Adventure-time*. Trata-se, defendemos, de uma conduta temporal que reforma a condição histórica anterior que compreendia um tempo social ainda sequencial e mecânico (Newton), ininterrupto sendo sobretudo teleológico (BEMONG Et Al., 2010, p.94). A sua nova característica é a tomada de poder da ação frente ao tempo decorrido, descentralizando a narratologia cristã escatológica e colocando a condição racional à frente da história do mundo.

Nesta inversão, o tempo social é uma das vítimas e acaba distendido, contorcido, para que a ação da empresa racional humana receba sua consideração significativa através dos seus processos; é, portanto, semiotizado. O aspecto fundamental que define a qualidade significativa da ação histórica é sua “eventualidade”, ou capacidade de tornar-se um evento (событие), considerando que “o momento presente seja algo além do resultado automático do momento anterior” (BEMONG et al., 2010, p.94 - nossa tradução).

Necessário lembrar que a temporalidade medieval conservava em seu perfil ideológico as condições de mistério e significação ainda místicos (FOUCAULT, 2005, p.19-46) que atravessaram o milênio cristão dos séculos IV e V com uma filosofia de Boécio ou Agostinho, aos séculos XVI e XVII com os maneirismos (HAUSER, 1972, p.357-373) abarcando densas reformas da identidade do tempo cristão.

Com a tomada de prumos da produção humana pelas mãos positivistas, exatas e funcionalistas, o nascimento de novos modelos de democracia e repúblicas culmina na transformação absoluta da hierarquia entre a natureza e o humano, mudança da qual a tecedura do mito da modernidade em Fausto de Goethe dá perfeita voz e imagem. “A trágica grandeza do homem moderno está vinculada ao fato de que teve a audácia de assumir, frente à Natureza, a função do tempo.” (ELIADE, 1977, p.99). O tempo estando nas mãos dos homens se sujeita necessariamente aos mandos da produção como qualquer outro elemento que se encontra no mercado mundial das novas indústrias, e os saltos entre estágios passam a ser calculados pelas mesmas

5 Ainda, em “Questões de Literatura e de Estética (A Teoria do Romance)” Bakhtin pontua as duas formas de romances de autobiografia, sendo a primeira a Platônica, que deve seu início aos clássicos diálogos como a Apologia e Fédon.

contas que regem a organização produtiva do mundo cultural de produtos. É neste sentido que o *Laissez-faire* é o símbolo régio do *adventure-time* e a sujeição do tempo à ação racionalmente calculada está presente na formulação de qualquer projeto pós-industrial. Um cronograma, palavra definidora dos projetos, não é o ajuste do projeto ao tempo, mas pelo contrário, a significação e função do tempo social dentro do projeto humano neste novo cronotopo. A ação deforma, suspende, manobra e reformula o tempo à medida em que confere a ele uma função dentro do escopo produtivo.

2 | HAYEK E O CRONOTOPO DO MUNDO AUTOSSUFICIENTE

Na primeira perspectiva dignamente moderna, encontramos em Friedrich August von Hayek (1899-1992) a figura cronotópica de um progresso fundamentalmente teleológico, onde há uma conexão direta entre a ordenação e nivelamento do mundo através da liberdade da atividade intelectual individual em terreno de competição. Em termos políticos, Hayek sustenta que o “planejamento” no Estado seja um ato de inferência racional que determine e cesse a liberdade dos indivíduos, isto é, não haveria legitimidade democrática, porque a manufatura da realidade partiria de um estabelecimento castrador. O Estado perde então sua legitimidade para Hayek, como estrutura democrática. O cronotopo de Hayek deve ser primeiramente investigado pelo fato de que ele sustenta a suposição de haver neste planejamento a realização de um modelo centralizado de mundo, ou seja, “Planejamento” passa a ser a determinação racional da história do mundo (ANGELI, 2017, p.563), onde as pessoas ficariam sujeitas a ocuparem determinados espaços com movimentações limitadas, o que, como vimos, impossibilitaria a ação empreendedora que supostamente daria plano aos saltos criativos do *adventure-time*. Nesta visão, a organização dos processos sociais partiria de uma via estritamente racional cujos cálculos sujeitariam os indivíduos à realização de determinadas funções, com lucros e ações limitadas, para a definição de uma realidade social idealizada (Utopia).

Adiante, Hayek expõe suas premissas, onde vemos que o liberalismo

considera a competição como superior não apenas porque na maioria das circunstâncias seja o método mais eficiente conhecido, mas porque é o único método pelo qual nossas atividades possam ser ajustadas para cada um sem uma intervenção autoritária arbitrária” (HAYEK, 2006. P.37-38)⁶

Aqui, a passagem é suficientemente evidente para demonstrar a perspectiva através das premissas ocultas, e de *promptu* se lança a condição inevitável de uma auto-regulação social, relegada à suposta ‘natureza das relações comerciais’. Vale lembrar, Hayek ecoa o conceito de Estado hegeliano com sua “sociedade civil”

⁶ “And it regards competition as superior not only because it is in most circumstances the most efficient method known, but even more because it is the only method by which our activities can be adjusted to each other without coercive or arbitrary intervention of authority.”

(*bürgerliche Gesellschaft*), que inclui todas as relações econômicas e familiares que se não integram na estrutura política e jurídica do Estado, sendo intrinsecamente uma esfera de egoísmo sem restrições, na qual cada um dos homens é inimigo de todos os outros” (GIDDENS, 2005, p.31). Outro aspecto presente na perspectiva cronotópica das ações liberalistas é a manifestação de uma suposta substância que permeia seu espírito garantindo ordenação, nivelção e sobretudo justiça, por meios que transcendam o cálculo e responsabilidade dos agentes sociais que projetam este mundo, ou a “colheita metafísica da mão invisível” (BAUMAN, 2000 p.38), onde ao contrário de esperarmos que se garantam processos de ordenação sociais autossuficientes, notamos que “o mercado prospera [justamente] na incerteza” (IDEM). Em outras palavras, roubar da sociedade a sua história. O *adventure-time* toma forma como uma atitude consciente individual que promulga uma cisão estrutural entre o ato e a narrativa que o precede.

Um abismo se formou entre o motivo de um ato ou ação realmente realizados e seu produto (...). Nós evocamos o fantasma da cultura objetiva, e agora não sabemos como exorcizá-lo. (BAKHTIN, 1999, p.10)

Ora, é necessário subentender que nesta perspectiva, os cálculos, ou seja, o *planning* ele próprio seja derivativo da autorregulação do mundo como uma mecânica cosmológica, e não mais um ato meramente deliberado. O modelo de Hayek entrega o processo social ao acaso “místico” já incutido na *Mão Invisível* que regula o mercado desde Adam Smith em *A Riqueza das Nações*, transferindo não só as tomadas de decisões para uma “metafísica da economia”, e transfe com isso a culpabilidade dos erros humanos, destruições e escárnios agora ocultos pela suposta naturalidade da competição. O cronotopo desta perspectiva relaciona semioticamente o tempo do herói ao tempo do mundo através da liberdade absoluta da ação do herói, que é racional e pode determinar, definir e sentenciar suas ações, mas apenas como realização de um plano superior que guia a trama sem que ele saiba. Esta configuração também descreve um cronotopo em que uma sequência de ações conflituosas é superada por um fim harmonioso que, na leitura de Bart Keunen, recebe o nome *regeneration chronotope* (BEMONG Et. Al., 2010, p.7).

Nesta monta, os destinos do mundo e dos homens são confluências necessárias e inertes às ações da razão, do cálculo, do planejamento, já que, de acordo com Hayek “razão não foi a força geradora da evolução cultural, mas co-evoluiu no curso do processo”(BACKHAUS, 2005, p.1 - nossa tradução). Assim ocorre

“o erro comum que os expoentes profissionais do *logos* e da lógica sempre tendem a cometer, como Marx coloca, de tomar as coisas da lógica pela lógica das coisas” (BOURDIEU, 1990, p.49).

A ‘liberdade’ tomada como ‘liberdade econômica’ subentende uma lógica natural aderida a um sistema, e por isso, não raro, o sistema recebe atribuições divinas,

metafísicas, e fortes conexões se estabelecem entre a economia e a fé, aos quais, o ato político seja um signo de transformação. Neste mundo, o cronotopo é uma relação mecânica unidirecional e fatalista, e “como Bergson, Bakhtin associa o cronotopo genérico da aventura com a racionalidade matemática. *Adventure-time* é caracterizado por um caráter elementarmente claro, formal, quase matemático”(BEMONG et. Al, 2010, p.47), nas palavras de Bakhtin, nesta configuração

a conexão entre o destino do indivíduo e seu mundo é externa. O indivíduo muda e metamorfoseia de forma completamente independente de seu mundo, e o mundo permanece inalterado (BAKHTIN, 1981, p.119)

3 | KEYNES E A TEMPORALIDADE MISTA

Em seguida encontramos John Maynard Keynes (1883-1946), não em sequência cronológica histórica, mas em sucessão de prevalência das vias econômicas. Na contramão da contextualização de Hayek para o cronotopo liberalista teleológico, Keynes deixa evidente, com surpreendente transparência, sua oposição formal ao que poderíamos chamar de estruturalismo econômico (CARDOSO & LIMA, 2008, p. 368), configurando um cartesianismo (BUENO, 2012, p.17). Cronotopicamente, Keynes assera que “o mundo não é desta forma governado de cima de forma que os interesses privados e sociais sempre coincidam” (KEYNES, 1963, p.312) ou seja, há uma virada fundamental na ordenação semiótica das coisas, e as responsabilidades dos acontecimentos são resgatadas da figura de mundo ordenado (como em Hayek) e trazidas de volta às mãos dos homens. Keynes encontra a legitimação do poder político e econômico “em algum lugar entre o indivíduo e o Estado moderno” (KEYNES, 1963, p.313) culminando na asserção de que o “progresso reside no crescimento e reconhecimento de corpos [*bodies*] dentro do Estado” (IDEM). Vale lembrar, a deformação do tempo social no cronotopo do *adventure-time* é uma característica marcante, visível na compressão de momentos históricos imensos, e aumento de momentos curtos. Vemos isso quando Keynes projeta uma suposta falta de evoluções sociais e culturais consideráveis entre períodos históricos demasiadamente extensos - tão extensos quanto o espaço de tempo entre dois mil anos antes de Cristo e o início do século XVIII (KEYNES, 1963, p.360). A visão de uma história com fluxos de “altos” e “baixos” níveis de progresso reitera a condição narrativa de construção racional do texto da realidade. A estrutura temporal deste modelo administrativo do mundo demonstra o imediatismo da ação por formas como a célebre frase “a longo prazo estaremos todos mortos”⁷ que caracteriza aquilo que hoje em dia se denomina Keynesianismo, afinal, dando à ação racional a medida exata da transformação.

Devemos considerar que, igualmente, no modelo de tempo do *adventure-time*, horas e dias da ação não deixam rastros “e desta forma, se pode ter quantos deles se deseja” (BAKHTIN in: BEMONG Et Al., 2010, p.66) na criação da narrativa.

7 A Tract on Monetary Reform (1923)

A empreitada racional autossuficiente interpela a manipulação do tempo, o que Bakhtin identifica sendo uma desconexão da “duração real”, portanto alterando as potencialidades, como um apêndice ou um *juniper* potencializador da história. As lacunas na história de Keynes ocorrem porque, fora da ação identificada como ‘realizadora de mudanças’, a história fica à mercê de deformações, reduções e reajustes; chegando Keynes a amalgamar três mil anos dentro de um envelope na gaveta da estagnação criativa humana. Estas distensões são comuns e necessárias no cronotopo apresentado, entretanto, na formatação dos ritmos do tempo histórico operando por um lado com a contração dos períodos pouco significativos à trama central e por outro com o esticamento desproporcionado das cenas de ação em que o herói efetua a atuação central. Tratando da variação “*adventure-folktale*”, Bakhtin (1981, p.119) esclarece que “o tempo não é meramente técnico”, mas um “todo integrado e irreversível”, enquanto que no *Adventure-time*, abre-se mão da rigidez do tempo para bem da narração de uma história e uma visão de mundo a partir da perspectiva do herói, do agente da história. Assim, “O elemento mais característico sobre este romance [*adventure-time*] é a forma como funde o curso da vida do indivíduo com seu percurso espacial ou curso (*road*)” (BAKHTIN, 1981, p.120). Esta deformação do tempo nas narrativas, em nada se difere das construções históricas eurocentristas que colocam a completude do montante histórico de todos os eventos dos povos conquistados precedendo a conquista em uma chave identitária única, um nome, um título sintetizador. Formulamos neste caso uma imagem exógena, cultural, que traz consigo uma distensão temporal importante em seu cronotopo. A ação racional autossuficiente é encarregada de conduzir o ritual significativo de ordenação do mundo, como um ícone, que relaciona por semelhança o significante (estado de mundo) e o significado (imagem do mundo).

4 | MISES E A AÇÃO RACIONAL TRANSFORMADORA

Na terceira etapa da investigação do discurso temporal por trás da ação liberalista, encontramos Ludwig von Mises (1881-1973). Este, de forma mais contundente que os demais se situa no extremo da ação, devoto absoluto do ato como transformação; herdeiro da teoria esotérica da “praxeologia” - o suposto estudo da prática. Isso coloca Mises no universo do particular como gerador de ação e centra a história nas mãos do indivíduo - cômico dos seus atos - como um herói que transforma o mundo mais do que pertence a ele (BUENO, 2012, p.17). O fundamento teórico sobre o qual Mises ergue todos os malabarismos da proposição liberalista é a suspeita de uma autossuficiência racional que apenas se supera nos textos Kantianos. Mises identifica que o mundo seja uma condição estabelecida de dados ou fatos cuja configuração final se estabelece através de escolhas meramente racionais (RODRIGUES, 2013, p.1004), mais especificamente, o próprio ato da escolha, permitindo a resolução na ambiciosa e grandiloquente premissa: “a vida implica numa sequência infinita de atos

e escolha” (MISES, 2001, p.12). A escola austríaca tem forte conotação pragmatista em seus trabalhos e Mises é ainda mais relevante neste aspecto por conta da intensidade das afirmações racionalistas que florescem seu discurso. Adentro de sua obra intitulada na edição americana “*Theory and History, An Interpretation of Social and Economic Evolution*”⁸ encontramos trechos que demonstram com clareza como o tempo da ação figura em sua conceituação, com relação profunda ao *adventure-time* pela separação entre indivíduo e mundo, herói autossuficiente e palco de sua ação, ou seja, uma prolífica quantidade de passagens de extremo teor racionalista, como a que segue:

Os atos mentais que determinam o conteúdo de uma escolha referem-se ou a fins derradeiros ou a *meios para se conquistar os fins derradeiros*. Os primeiros são chamados de julgamentos de valor. Os últimos são *decisões técnicas derivadas de proposições factuais*. No senso estrito do termo, o homem agente se direciona apenas ao final derradeiro, à conquista de um estado de coisas que melhor combine com suas alternativas. Filósofos e economistas descrevem este fato inegável declarando que o homem prefere aquilo que o faz mais feliz ao invés do que o faz menos feliz, e assim ele mira na felicidade. (MISES, 2001, p.12, nossa ênfase)⁹

É fundamental retornar no fato de que proponentes a quem Mises dá voz, consideram uma condição de pura agência e manipulação do texto social através da consciência, que em nada se distingue da atitude heróica prevista na análise de Bakhtin. Na história literária, por exemplo, Bakhtin ressalta uma mudança histórica considerável na estrutura narrativa no centro temático “ao redor dos processos de consciência das personagens”(BEMONG EtAl., 2010, p.51). Isso porque nos romances modernos, todas as formas de relacionamento entre as personagens e seu ambiente, sendo forças sociais e psicológicas, tornam-se centrais. A escolha que determina a trama histórica está presente quando Mises (2001, p.13) argumenta que se vê entre os mártires do cristianismo a presença da escolha de negação às tentações, frente à promessa de salvação e paz eterna sendo o martírio uma ação de escolha que podemos entender como uma atitude significativa objetivando os fins declarados ou esperados, a salvação e paz eterna, alterando o texto e o contexto da imagem do mundo. Noutro exemplo, o Capítulo intitulado “Meios e fins” é bastante revelador na descrição do mundo como um jogo dado à livre operação da racionalidade esclarecida de um indivíduo não-social. Encontra-se também a teoria de “juízos de valor” na mesma obra, que são, segundo Mises, ações voluntárias representantes das reais sensações internas jamais sujeitas a nenhuma prova ou evidência (MISES, 2001, p.18), sendo estas as fontes das ações humanas (IBID, p.19) e assim por diante em uma metáfora pobre do humano feito no laboratório para habitar uma maquete

8 com copyright de 1957 pela Yale University Press.

9 “The mental acts that determine the content of a choice refer either to ultimate ends or to the means to attain ultimate ends. The former are called judgments of value. The latter are technical decisions derived from factual propositions. In the strict sense of the term, acting man aims only at one ultimate end, at the attainment of a state of affairs that suits him better than the alternatives. Philosophers and economists describe this undeniable fact by declaring that man prefers what makes him happier to what makes him less happy, that he aims at happiness.”

como mundo, próxima a uma perspectiva racionalista ou idealista das que vimos no iluminismo. A esta ação individualmente racionalizada e responsável que vem a ser notada como primordial para a construção da narrativa do mundo racionalizado em modelo *adventure-time*, Bakhtin dá o nome de *postupok* (поступок) denotando ação consciente, liberta, deliberada. Etimologicamente, o nome significa um “passo dado” ou “dar um passo” (BAKHTIN, 1999, p.51).

Neste contexto narrativo, o indivíduo se percebe como criatura individual, agente ativo e racional, supondo completa distinção entre seus atos conscientes e processos externos ao seu corpo, e enfrenta ações deliberadas rumo à alteração da condição de mundo em que se percebe. Vale lembrar que “Toda a filosofia moderna nasceu do racionalismo e está completamente impregnada pelo preconceito do racionalismo” (BAKHTIN, 1999, p.47), prenunciando as palavras da grande individualista e advogada do capitalismo Ayn Rand, em que no apêndice de sua obra “*Atlas Shrugged*”(Outubro de 1957) lemos:

Minha filosofia, em essência, é um *conceito de homem como um ser heróico*, com sua própria felicidade como propósito moral de sua vida, com a realização produtiva como sua mais nobre atividade, e *razão como seu único absoluto* (nossa ênfase)¹⁰

5 | RACIONALISMO E TEMPORALIDADE SIGNIFICATIVA

Aqui, consideramos que a praça pública e a literatura sejam processos que se permeiam pela política, complementam e relacionam, já que

As relações de produção e a estrutura sócio-política que delas diretamente deriva determinam *todos os contatos verbais possíveis entre indivíduos*, todas as formas e os meios de comunicação verbal: no trabalho, na vida política, na criação ideológica. (BAKHTIN, 2006, p.41 - nossa ênfase)

Por estas vias, o próprio Bakhtin não restringiu em nenhum momento seu cronotopo ao estudo literário compreendendo e - inclusive - demonstrando as diversas semiosferas culturais que se intercalam com suas aplicações, entre literatura, outras manifestações artísticas, políticas ou até filosóficas. Em suas análises isto fica bastante claro pela forma como relaciona linhas filosóficas a cronotopos específicos (BAKHTIN, 1981, p.165). Ele próprio já havia apontado para o caráter das manifestações culturais como movimentações significativas no eixo do tempo quando se considera festividades ou “Carnavais” como autênticas festas do tempo, de alternâncias e renovações, em que as festividades têm sempre uma íntima relação marcada com a sua temporalidade, já que “Na sua base, encontra-se constantemente uma concepção determinada e concreta do tempo natural (cósmico), biológico e histórico”(BAKHTIN, 1987, p.8). Curiosamente, esta conexão que transforma o

10 My philosophy, in essence, is the concept of man as a heroic being, with his own happiness as the moral purpose of his life, with productive achievement as his noblest activity, and reason as his only absolute.

cronotopo em um elemento identificável em diversas manifestações sociais da forma como Bakhtin o constituiu - no caso, até na filosofia - confere uma homogeneidade e consistência ao fenômeno tais que permitiriam a abertura de um *framework* para as ciências sociais como ferramenta investigativa de fenômenos políticos, o que surpreende não ter se estabelecido com toda a evidência devida no bojo dos estudos sociais, ao analisar o tempo político como uma manifestação epistêmica (discursiva) que permeia o momentos culturais de uma sociedade.

Anteriormente à programática contemporânea, o cronotopo do tempo linear clássico supunha a completa indiferença entre o herói e seu mundo sendo que as ações que o herói empreende ocorrem ao largo do tempo do mundo, se inscrevem na história, não são escritas pela história (BEMONG Et AL., 2010, p.51). Este tempo clássico possui um herói que sofre alterações ao longo de seu ritual heroico que são completamente separadas dos fluxos temporais do mundo ao seu redor. Mas algo acontece, como Bakhtin diagnostica, com a virada intelectual dos novos romances que coale aos percalços históricos europeus no berço do romantismo (liberalismo burguês), e aqui temos ocorrências correlatas com o industrialismo, a sublevação francesa e o nascimento dos Estados-nação. Neste ponto, o cronotopo se altera, e uma completa revolução Copernicana é empreendida com impactos profundos na constituição das ações políticas; tomando de empréstimo as palavras de Schopenhauer, o tempo sai do mundo e entra nos homens: “antes de Kant nós estávamos no tempo, agora o tempo está em nós”, diz. Esta mudança localiza no centro do indivíduo racional a intuição do tempo, que se entrega a ele como ferramenta permitindo a construção narrativa de sua realidade, e por decorrência, a programação do tempo histórico, que podemos estudar nos modelos neoliberais. Esta concepção de tempo recebe o nome de Tempo Social.

Levando a cabo esta relação peculiar com o tempo, podemos identificar a origem da figura espaço-temporal política que Bakhtin provém e que nos utilizamos na presente análise, ou seja aquela que considera a sociedade como signo da realização da obra racional humana sendo vista pela relação dialética “herói-mundo”, desde os trabalhos de Hegel entre *Filosofia do Direito* (1820) e mais tarde *Filosofia da História* (1837), fundando uma política programática em termos modernos e contemporâneos. Hegel articula uma configuração de mundo em que a existência do Estado neoliberal não seja uma determinação mecânica, mas uma realização de um fim teleologicamente determinado, como Lotman conduz, para o “Apóstolo da história” [Hegel] “o evento de sorte não existe e todo os eventos do futuro estão secretamente localizados nos fenômenos do passado” (LOTMAN, 2004, p.158)¹¹.

Estados, nações e indivíduos particulares eram descritos como “os órgãos e *instrumentos inconscientes do espírito do mundo* que funcionava dentro deles”, e os “indivíduos como sujeitos” eram caracterizados como os “*instrumentos vivos*”

11 “chance event does not exist and that all future events are secretly located in the phenomena of the past.”

Este mesmo fim seria alcançado pela liberdade absoluta provinda da razão individual dos indivíduos (MCCARNEY, 2002, p.16), o que nos deixa muito próximos das formulações dos cronotopos neoliberais, sobretudo entre Hayek e Mises. Nas palavras de Hegel, o Estado “é a realização da Liberdade, ou seja, a meta final absoluta que existe para si mesmo.” (HEGEL, 2001, p.39 : MÉSZÁROS, 2002, p.61). A relação cronotópica entre personagem e mundo em leitura dos seus atos (LOTMAN, 2004, p.125) na configuração do texto social hegeliano e liberalista demonstra sua característica fundamental, como salientada por Bakhtin, de profunda desconexão do mundo. Neste sentido Hegeliano que Bakhtin indica ser o indivíduo “meramente um sujeito físico da ação” (BAKHTIN, 1981, p.105) um ente “completamente passivo” não em sua concepção individual, - uma vez que ele, evidentemente age segundo suas vontades - mas no contexto de sua relação com os atos do mundo, suas atitudes intencionais se relacionam com a mudança da realidade através de elementos indiretamente ou teleologicamente orquestrados por algo “superior” (BAKHTIN, 1981, p.116), igual ao “homem” que vimos em Mises. Esta ação ocorre em um tempo excepcional, determinado por sorte, fundamentando o caráter do *Adventure-time* que Bakhtin ressalta ser relacionado a uma imagem de ação:

Este tempo vazio não deixa rastros em nenhum lugar, não há indicações de sua passagem. Ele é, repetimos, um hiato extratemporal que aparece entre dois momentos da sequência do tempo real, no caso, sendo um deles biográfico [...] É composto por uma série de segmentos curtos que correspondem a aventuras separadas, dentro de cada aventura, o tempo é organizado de fora, tecnicamente. (BAKHTIN, 1981, p.90)¹²

6 | UM CASO: A TEMPORALIDADE DO DISCURSO DE GERALDO ALCKMIN

Ao pinçarmos um exemplo mais aproximado a critério de verificação da programática das ações que modificam estados de mundo, é fácil identificar a premissa da temporalidade neoliberal em casos como o discurso proferido por Geraldo Alckmin na ocasião de sua posse na presidência do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB)¹³, considerando a desburocratização do Estado pela sujeição de iniciativas privadas, quando se extrai a seguinte sentença: “vamos perseguir a inovação, de forma obsessiva. O conhecimento e a imaginação guiando o futuro a passos largos.”¹⁴ Evidentemente o futuro neste texto cultural deixa de ser uma condição de processo temporal e se sujeita à realização apenas através de um determinado “conhecimento”.

12 This empty time leaves no traces anywhere, no indications of its passing. This, we repeat, is an extratemporal hiatus that appears between two moments of a real time sequence, in this case one that is biographical. [...] It is composed of a series of short segments that correspond to separate adventures; within each such adventure, time is organized from without, technically.

13 publicado no jornal O Globo em 09/12/2017 18:52

14 Disponível em <https://oglobo.globo.com/brasil/leia-integra-do-discurso-de-alckmin-ao-assumir-presidencia-do-psdb-22172412> acessado 04/01/2018

O indivíduo recebe um escopo narrativo de tudo que configura o conceito de “inovação”, e esta se executa na realidade ao passo em que provemos a ela o espaço e capacidade necessários para seu livre desenvolvimento. Assim, o indivíduo executa sua história em um cronotopo que não confere à sua ação o poder de criação do mundo, mas de influência para o natural desenvolvimento deste mundo imaginado, simbólico. O discurso coloca nas mãos dos homens portadores de um conhecimento específico (código) a capacidade de manufatura de um mundo que dará como fruto um “futuro melhor”, através de uma temporalidade linear, cumulativa. A relação supostamente sinérgica entre razão e progresso se demonstra também na fala: “Quero destacar, além da saúde, a necessidade de novas tecnologias para que a gente possa ter mais prosperidade, educação de qualidade.” que vincula o significado “prosperidade” com significantes “novas tecnologias” e também a “educação de qualidade”, como se houvesse uma relação causal inegável (indicial) entre a implantação de “novas tecnologias” como a coleção de aparatos e técnicas significantes - sendo a ação consciente dos homens - que daria vazão a uma imagem de “próspera educação de qualidade” como nova configuração de realidade denotada. Semioticamente, o conteúdo e a forma se confundem nos processos de criação da “história racional”, e neste âmbito o *adventure-time* ajuda a elucidar as ambições por trás do ritual da economia política que conecta agentes racionais a fins de ordem superior.

Bakhtin identifica que “o *adventure-time* está relacionado a uma imagem de ação que tenha sido construída ao redor de uma disjunção da sorte ocorrendo no momento de um encontro” (BEMONG Et Al., 2010, p.50 - nossa tradução), seja um “fortuito encontro” ou um “fortuito desencontro” com um estado de mundo, de onde derivam as escolhas racionais que desembocam a história no prumo acertado pela ação do herói. Estas escolhas são racionais e funcionam por lógica combinatória. Encontramos estes pontos expressos nas frases do discurso de Alckmin: “A ilusão petista acabou em pesadelo na maior crise econômica e ética a história do nosso país” onde se define um estado simbólico de mundo, seguido de “Agora é hora de olhar para frente com união e esperança renovada” determinando o momento de ação (significante) a partir do estabelecimento simbólico, convencional de um consenso de realidade.

No *adventure-time* como *imago* do mundo ou cosmovisão de um tempo, a empreitada da intelectualidade mercadológica humana se desenvolve no “mundo - plataforma” e as ações de inscrição da história através do discurso de mudança seguem os preceitos da atitude do herói literário deformando as durações em prol da adequada realização dos rituais significativos renovadores.

Ao herói neoliberal, a temporalidade histórica tem pouco serviço a prestar. O tempo do investimento é um ato de consciência e cálculo estando sujeito aos mesmos métodos de quantificação das probabilidades que quaisquer das variáveis envolvidas na grande empresa humana, seja nas ações revolucionárias do passado, seja na tomada de decisões entre compra e venda de ações na bolsa do capital volátil dos

mercados mundiais. Nas palavras de Bakhtin, O cronotopo real é a praça pública. (BAKHTIN, 1993, p.50)

7 | ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Visamos demonstrar que, no discurso do tempo neoliberal, o agente - neste caso, herói neoliberal - é aquele que semioticamente executa escolhas através de suposta plena autonomia racional, como proposto por Mises, em um espaço que se configura como uma plataforma de pura combinação semiótica. Ele age relegando ao “superior” a organização final do ambiente social, seja com a manifestação da Mão Invisível em Smith ou o animismo inerente à da bolsa de valores e toda sorte de fatores supostamente naturais aos quais a explicação das diferenças de classes, miséria e guerras são em geral relegadas; uma “natureza” das coisas. No percurso de nossa investigação, alcançar uma clara identificação deste fenômeno depende da leitura covalente entre as esferas da ação e do discurso, ao passo que se considera os cronotopos o subproduto desta relação semiótica. A configuração dos processos do cronotopo, sobretudo em sua realização nas formas do *adventure-time* pôde então ser demonstrada através de três vias fundamentais entre os elementos fundacionais do neoliberalismo em sua configuração vigente; primeiro a condição de natural resolução do mundo sem intervenção humana na primeira parte com Hayek, seguido da condição de intermediária intervenção através de projetos coletivos em que o Estado e o indivíduo travam conflitos necessários em Keynes, e por último, a composição em que se altera o mundo pela razão autossuficiente na interlocução de Mises. Nas três formas do liberalismo do século XX demonstradas, entre Hayek, Keynes e Mises, orbitam as técnicas de uma construção semiótica (literária) da história com variações relacionais entre personagem e mundo contendo três graus diferentes, de forma que permita leituras aprofundadas dos padrões do discurso de realidade políticos pertencendo a universos narrativos identificáveis como cronotopos. Conforme almejamos demonstrar, estes cronotopos (*adventure-time* neste caso) surgem como matéria-prima provinda da fricção entre três dimensões de análise sendo, a construção narrativa da realidade, o estabelecimento de estados de mundo e a ação que escreve a história entre dois pontos estabelecidos. Esta última, por contemplar a dimensão da ação como composto ritual físico torna-se a viabilidade da significação do ato como um “salto no tempo” (*jumper*), estabelecendo conexões entre realidades discursivas previamente engendradas.

Bakhtin provém com sua clareza prática uma ferramenta de inestimável valia para as ciências sociais no âmbito dos estudos de discurso, poder, soberania, reconhecimento e ideologia, que conforme constatamos, são inadequadamente subutilizados face à potência de sua aplicação. O cronotopo presente no mundo cotidiano, relacionado por Bakhtin a estudos literários tanto quanto matéria das ações

políticas e históricas humanas, permite uma aprofundada leitura da ação dentro de discursos da esfera econômica - como aqui analisados em Hayek, Keynes e Mises - demonstrando as diversas variações de relacionamento que se estabelecem entre herói e seu mundo, entre agente e seu espaço, e todas as complexidades destas relações que dão luz a uma narrativa que permanecia dormente, mas que pode tirar o véu que recobre a ação humana convertendo as atrocidades em lógica e talvez, por fim, auxiliando no desmonte dos rituais que sujeitam vidas a concepções do cálculo egoísta das máquinas. Não há ação sem uma clara concepção significativa de tempo social assim como é impossível pensar em objetivos diretos sem uma concepção de estágios de realidade, e é exatamente no centro destas relações que encontramos os cronotopos, o espaço-tempo social, uma nova dimensão temporalizada para a análise da obra política humana.

REFERÊNCIAS

ANGELI, Eduardo. *Estud. Econ.*, São Paulo, vol.47, n.3, p. 559-586, jul.-set. 2017

BACKHAUS, Jurgen. *Entrepreneurship, Money And Coordination. Hayek's Theory Of Cultural Evolution*. Edited By Jürgen G. Backhaus. Edward Elgar Publishing Limited, London, 2005

BACKHOUSE R.E. & Bateman, B.W. - *A Cunning Purchase: The Life And Work Of Maynard Keynes*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006

BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular Na Idade Média E No Renascimento: O Contexto De François Rabelais*. São Paulo: Editora Hucitec, 1987

_____. *Questões De Literatura E De Estética (A Teoria Do Romance)*. TERCEIRA EDIÇÃO. São Paulo: Editora Unesp, 1993

_____. *Marxismo E Filosofia Da Linguagem*. 12ª Edição. HUCITEC, São Paulo, 2006

_____. *The Dialogic Imagination - Four Essays*. Edited By Michael Holquist Translated By Caryl Emerson And Michael Holquist. Texas: University Of Texas Press, 1981

_____. *Toward A Philosophy Of The Act*. Translation And Notes By Vadim Liapunov. University Of Texas Press. Texas, 1999

BALLENGEE, Jennifer *Below the Belt: Looking into the Matter of Adventure-Time. The Bakhtin Circle and Ancient Narrative*. edited by R. Bracht Branham. Barkhuis Publishing. Groningen University Library Groningen, 2005 [130–163]

BAUMAN, Zygmunt. *Em Busca Da Política*. Tradução De Marcus Penchel. Editora Jorge Zahar. Rio De Janeiro, 2000

BEMONG, N. Et Al. *Bakhtin's Theory Of The Literary Chronotope: Reflections, Applications, Perspectives*. New Hampshire: Gent, Academia Press, 2010

BOURDIEU, Pierre. *The Logic Of Practice*. Translated By Richard Nice. Stanford University Press. California, 1990

BUENO, Roberto. A Centralidade Do Argumento Neoliberal Em Von Mises, Hayek E Friedman: Uma Via Para A Crítica Política Contemporânea. Ciências Sociais Aplicadas em Revista - UNIOESTE/MCR - v. 12 - n. 23 - 2º sem. 2012 - p. 9 a 34

CARDOSO & LIMA. A concepção de Keynes do sistema econômico como um todo orgânico complexo. Economia e Sociedade, Campinas, v. 17, n. 3 (34), p. 359-381, dez. 2008

ELIADE, Mircea . Ferreiros e Alquimistas, Zahar Editores, Rio de Janeiro. 1977

FOUCAULT, Michel. The Order Of Things. An Archeology Of The Human Sciences. Londres: Routledge, 2005

FLUSSER, Vilém. O Universo Das Imagens Técnicas: Elogio Da Superficialidade. São Paulo: Anablume, 2008

GIDDENS, Anthony. Capitalismo E Moderna Teoria Social. Editorial Presença. Lisboa, 2005

HAUSER, Arnold. História Social Da Literatura E Da Arte. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1972

HAYEK, Friedrich. A. The Road To Serfdom. Nova Iorque: George Routledge & Sons. 2006

HEGEL, Georg W. F. - The Philosophy Of History. Ontario: Batoche Books Kitchener, 2001

KEYNES, John M. - Essays In Persuasion. Nova Iorque: W. W. Norton & Company, 1963

LOTMAN, Yuri. Culture And Explosion. Berlim: Mouton De Gruyter, 2004

MACHADO, Irene. Narrativa E Combinatória Dos Gêneros Prosaicos: A Textualização Dialógica. Itinerários. Araraquara: PUC-SP, 1998.

MCCARNEY, Joseph. Hegel On History. Nova Iorque, Rotledge, 2002

MÉSZÁROS, István. Para Além Do Capital. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002

MISES, Ludwig. Theory And History - An Interpretation Of Social And Economic Evolution. Alabama: The Ludwig Von Mises Institute, 2001

RODRIGUES, João. The Political and Moral Economies of Neoliberalism: Mises and Hayek. Cambridge Journal of Economics, 37, [1001–1017] 2013

TAMM, Marek. Introduction: Semiotics And History Revisited. Sign Systems Studies 45(3/4) [211–229], Tartu, 2017

SOBRE O ORGANIZADOR

Gustavo Henrique Cepolini Ferreira - Graduado em Geografia (Bacharelado e Licenciatura) pela PUC-Campinas, Mestre e Doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo. Pós-doutorando em Geografia – USP. Atualmente é Professor do Departamento de Geociências e do Programa de Pós-Graduação em Geografia - PPGeo na Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), onde coordena o Núcleo de Estudos e Pesquisas Regionais e Agrários (NEPRA-UNIMONTES) e o Subprojeto de Geografia - "Cinema, comunicação e regionalização" no âmbito do PIBID/CAPES. Exerce também a função de Coordenador Didático do Curso de Bacharelado em Geografia - UNIMONTES. Tem experiência na área de Geografia Humana, atuando principalmente nos seguintes temas: Geografia Agrária, Regularização Fundiária, Amazônia, Ensino de Geografia, Educação do Campo e Conflitos Socioambientais e Territoriais. Participação como avaliador no Programa Nacional do Livro e do Material Didático - PNLD de Geografia e no Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES), vinculado ao Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). É autor e organizador das seguintes obras: *No chão e na Educação: o MST e suas reformas* (2011), *Neoliberalismo, Agronegócio e a Luta Camponesa no Brasil* (2011), *Cenas & cenários geográficos e históricos no processo de ensino e aprendizagem* (2013), *Agroecologia, Alimentação e Saúde* (2014), *Gestão Ambiental* (2015), *Práticas de Ensino: Teoria e Prática em Ambientes Formais e Informais* (2016), *Geografia Agrária no Brasil: disputas, conflitos e alternativas territoriais* (2016), *Geografia Agrária em debate: das lutas históricas às práticas agroecológicas* (2017), *Atlas de Conflitos na Amazônia* (2017), *Serra da Canastra território em disputa: uma análise sobre a regularização fundiária do Parque e a expropriação camponesa* (2018), *Conflitos e Convergências da Geografia - Volumes 1 e 2* (2019), *Geografia Agrária* (2019), entre outras publicações. E-mail: gustavo.cepolini@unimontes.br

ÍNDICE REMISSIVO

B

Bancos 77, 78, 81, 83, 84, 85, 86, 87, 93

C

Campesinato 99, 106, 109

Cronotopo 60, 61, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 70, 71, 73, 74

Currículo 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12

D

Direito à cidade 13, 14, 15, 16, 18, 19, 21, 22, 23

Direito à moradia digna 13, 14, 15, 22, 23

Discurso 60, 61, 64, 68, 69, 72, 73, 74

E

Ensino de geografia 1, 5, 8, 11, 12, 113

Esgoto 22, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 48

F

Favela 25, 26, 28, 30, 32, 33, 37

Feira 83, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98

G

Geografia financeira 77, 78

Geografia regional 49, 50, 51, 52, 53, 56, 57, 58

H

História do pensamento geográfico 49, 50

I

Ideologia 11, 60, 74

L

Lagoa 38, 93

M

Microalgas 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45

Modernidade 25, 26, 33, 37, 58, 64, 89

N

Neoliberalismo 60, 61, 74, 113

Norte de Minas Gerais 99, 106, 107, 112

Nova Cruz 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98

P

Política 4, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 22, 23, 60, 61, 62, 64, 66, 70, 71, 73, 75, 76, 89, 95

Portugal 77, 78, 81, 82, 83, 84, 85, 86

Prática pedagógica 1, 3, 5, 6, 7, 8, 11, 12

Produção do espaço 19, 25, 26, 36, 37

Programa Minha Casa Minha Vida 13, 14, 16, 17, 18, 19, 22, 23, 24

R

Rapadura artesanal 99

Richard Hartshorne 49, 50, 51, 52, 57, 58

S

Saneamento 18, 38, 39, 40, 45, 46, 47

Serviços e equipamentos públicos 13, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23

T

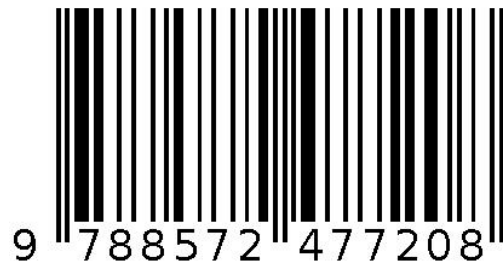
Tradição 51, 88, 91, 92, 94, 97, 105

U

UASB 38, 39, 40, 42, 44, 45, 48

Urbanização 25, 30, 98

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-720-8



9 788572 477208